

***Por uma História com mulheres: compreensões e caminhos em classe, raça e gênero*, coordenado por Pâmela Peres Cabreira & Livia Cassemiro Sampaio. Desalinho Publicações, 2022, 167 pp.**

 Teresa Pinto

Departamento de Ciências Sociais e Gestão

Universidade Aberta

mariat.pinto@uab.pt

Esta obra, coordenada por Pâmela Peres Cabreira e Livia Cassemiro Sampaio, congrega os contributos de uma equipa de escritoras, académicas, militantes e historiadoras assumidamente feministas, como se pode ler na contracapa. As autoras pretenderam homenagear Alexandra Kollontai no contexto das comemorações dos 150 anos do seu nascimento, em 2022, honrando um legado de entendimento das mulheres como agentes ativos ao longo da história e reclamando a construção de “novas dimensões para uma história que seja problematizadora sobre o papel histórico das mulheres” (Cabreira & Sampaio 2022, 7). As autoras sublinham, concomitantemente, a intenção de estimularem um diálogo mais estreito entre academia e sociedade.

A primeira parte do título, *Por uma História com mulheres*, remete-nos para um processo de reflexão, discussão e reivindicação por uma reconceptualização e reconstrução do conhecimento histórico em função da não exclusão de metade da humanidade no seu objeto de estudo. Da invisibilização das mulheres na história resultava (e ainda resulta), na expressão de Eliane Gubin, uma “meia-história” (1994, 95) e, como denunciou José Mattoso há já quatro décadas, “não só se escreveu só a metade, como esta metade não tem sentido algum sem o resto” (1993, 56).

É muito interessante verificar que a enunciação “Por uma História com mulheres” ressitua no contexto atual a problemática formulada inicialmente, na década de 1970 e inícios da seguinte, em termos da possibilidade de se fazer uma história das mulheres. Questionava-se *Les femmes ont-elles une histoire?* (As mulheres têm uma história?). Foi este o nome do curso pioneiro na Universidade de Paris VII, em 1973, dinamizado pelas historiadoras Fabienne Bock, Michelle Perrot e Pauline Schmitt. Em 1975, Carl N. Degler publica *Is There a History of Women?* (Existe uma história das mulheres?), para citar apenas dois exemplos. Seguiu-se a interrogação sobre o sentido de as mulheres constituírem um objeto histórico específico e a história das mulheres ser reduzida a uma subdisciplina da história.

A partir de meados da década de 1990, o recrudescimento da investigação académica e das iniciativas do movimento feminista criaram condições para reequacionar a problemática, centrando-a no próprio conhecimento histórico produzido, como testemunha o título do colóquio internacional *L'Histoire sans les femmes est-elle possible? Réflexion épistémologique et pluralité des approches* (É possível uma

história sem as mulheres? Reflexão epistemológica e pluralidade de abordagens), realizado em Rouen em 1997.

Três décadas decorreram, ao longo das quais um certo enraizamento académico da história das mulheres e do género permitiu incrementar a investigação teórica e empírica, dando lugar a uma produção de conhecimento muito significativa presente nos repositórios científicos que a política de acesso aberto tem tornado cada vez mais consultáveis. Todavia, a história das mulheres e do género, aceite titubeantemente enquanto domínio específico, não tem logrado subverter a disciplina histórica no seu todo.

Neste contexto justifica-se plenamente o desafio contido no título da obra em análise, *Por uma história com mulheres: compreensões e caminhos em classe, raça e género*, que frisa o facto de as mulheres não constituírem uma categoria homogênea e não terem todas a mesma história. Este título sugeria uma reflexão teórica sobre o percurso ainda inconcluso da operação historiográfica e a reivindicação do lugar central ocupado pelas relações sociais entre mulheres e homens na história da humanidade. Porém, o objetivo da coletânea de textos produzidos pelas jovens e promissoras autoras, que abraçam Portugal e o Brasil, é o de homenagear o legado de Kollontai e do feminismo marxista.

O livro organiza-se em introdução e oito capítulos e termina com uma secção com os dados curriculares das autoras. O capítulo “Como o status social colonial é refletido no cotidiano das mulheres negras – análise de percepções das mulheres negras em Portugal através do padrão de beleza dominante”, de Livia Sampaio, aborda o impacto do racismo e do padrão de beleza imposto às mulheres negras no contexto português e denuncia a persistência do recurso a teorias e discursos, como a utilização do “lusotropicalismo” de Gilberto Freyre, para suavizar o colonialismo português. A autora contrapõe o facto de a miscigenação, louvada pelo lusotropicalismo, ser “fruto da violência sexual contra a mulher negra escravizada e que gerou a figura da mulher ‘mestiça’” (27), introduzindo uma forma específica de discriminação baseada nas várias tonalidades da cor, o colorismo, que a autora aprofunda especificamente no que respeita ao cabelo.

Nicoli Braga Macêdo, em “A participação do feminino no panorama artístico das Academias de Belas Artes em Portugal”, enquadra a integração das mulheres nas Academias de Lisboa e Porto no percurso das lutas pela emancipação feminina no contexto europeu desde o século XV. Destaca a reforma do ensino artístico português de 1881 por ter favorecido o aumento do número de mulheres protagonistas na criação artística. O levantamento de dados de matrículas e da adesão a disciplinas específicas contribui para elucidar o impacto da sua presença nas academias na sua formação e produção criativa.

No capítulo “A obra-prima ignorada e o sujeito-objeto da pintura”, a autora Potira Maia centra-se sobre os sentidos da representação feminina na obra de Honoré de Balzac e sua influência em produções posteriores. Discutindo o papel da mulher na arte como sujeito-objeto a partir de uma análise do simbolismo das

personagens balzaquianas, a autora defende a existência de uma linha de continuidade entre algumas concepções filosóficas clássicas (Heráclito, Aristóteles), a idealização das mulheres no enredo literário de Balzac e a forma como as mulheres são representadas na arte contemporânea. Essa linha condutora procura mostrar que existe um padrão de dominação masculina que logra despossuir as mulheres do poder criativo.

O capítulo “A mulher e o labor: a integração da força de trabalho feminina no Portugal na década de 1960” analisa o papel das mulheres trabalhadoras em Portugal entre 1960 e 1974. Pâmela Peres Cabreira mostra que as mulheres sempre trabalharam, resistiram e participaram nas lutas sociais, realidade que contrasta com a sistemática subvalorização e invisibilização do trabalho feminino, dissidente com a ideologia da domesticidade feminina defendida pelo Estado Novo. A autora defende a necessidade de integrar na produção historiográfica a realidade e experiências das mulheres numa leitura interseccional que articule classe, género e raça.

Em “‘A mulher é o futuro do homem’: entrevista com Ana Barradas”, Pâmela Peres Cabreira regista a trajetória de vida e de militância de Ana Barradas a partir da partilha da sua experiência pessoal, política e feminista. Desenrolando-se em torno de três eixos centrais, o da sua memória pessoal e política, o da sua visão crítica sobre a relação entre o feminismo e a classe trabalhadora e o da relação entre a memória das mulheres e a construção do conhecimento histórico, a entrevistada revela uma entrada precoce na militância estudantil, a vivência da repressão e da clandestinidade, a consciência da secundarização das mulheres nas organizações de esquerda e a importância das referências teóricas, com destaque para Alexandra Kollontai.

Em “Amor livre: notas para a emancipação sexual e transformação social. A nova moralidade sexual de Alexandra Kollontai”, Teresa Melo foca mais diretamente a teórica do feminismo marxista, evidenciando como a autora russa antecipou debates plenos de atualidade. A autora reflete sobre a importância do pensamento de Kollontai para a teoria feminista, nomeadamente a defesa de uma nova moral sexual como requisito da emancipação das mulheres. Defendia o amor livre na convicção de que o amor é também um fator social e histórico sujeito a normas ditadas por interesses de classe. Teresa Melo conclui, na linha de Kollontai, que a revolução social só é plenamente alcançada se incluir uma revolução afetiva e sexual.

No capítulo seguinte, Ana Catarina Maia apresenta “Maria Lamas e a imagem do corpo feminino operário em *As Mulheres do Meu País*”, a par com uma seleção de fotografias da obra em questão explicitadas e comentadas. Salienta que as fotografias e relatos da jornalista exibem o modo como os corpos das mulheres operárias são explorados e alienados pelo trabalho fabril e doméstico, expondo as consequências físicas e espirituais dessa dupla jornada, contrastando com a ideologia propagandeada pelo Estado Novo sobre a fragilidade e domesticidade feminina.

Recuperando o conceito de *trabalho estranhado* de Karl Marx, a autora estabelece uma relação fecunda entre corpo feminino, trabalho operário e alienação.

O último capítulo é expressamente dedicado a “Alexandra Kollontai, percursos de uma vida de luta” e são as palavras desta que prevalecem ao longo do texto a partir de duas fontes, a autobiografia de Kollontai e o seu texto “As relações entre os sexos e a luta de classes” de 1911, uma opção das coordenadoras da obra.

Finalmente, é de salientar a feliz imagem da capa desta edição das Publicações Desalinho, com base na pintura a óleo *The Cotton Pickers* (1876), de Winslow Homer, que ganhou força com o zoom conferido pelo projeto gráfico de Pablo Rodrigues. De referir também a interessante ilustração de Wallerya Rosa e o intenso poema de Livia Cassemiro Sampaio que introduzem o corpo do livro.

Referências

- Gubin, Eliane. 1994. « Histoire des femmes, histoire de genre. » *Sextant. Revue du Groupe Interdisciplinaire d'Études sur les Femmes* 2: 89-103.
- Mattoso, José. 1993. “Introdução ao painel ‘Estudos sobre as mulheres em Portugal’.” In *Estudos sobre as Mulheres em Portugal. Actas do Seminário realizado em Lisboa a 14 e 15 de janeiro de 1993*, 55-57. CIDM.
- Degler, Carl N. 1975. *Is There a History of Women?* Oxford University Press.

Como citar este texto:

[Segundo a norma Chicago]:

Pinto, Teresa. 2025. “Recensão: *Por uma História com mulheres: compreensões e caminhos em classe, raça e gênero*, coordenado por Pâmela Peres Cabreira & Livia Cassemiro Sampaio. Desalinho Publicações, 2022.” *ex æquo* 52: 242-245. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2025.52.18>

[Segundo a norma APA adaptada]:

Pinto, Teresa. (2025). Recensão: *Por uma História com mulheres: compreensões e caminhos em classe, raça e gênero*, coordenado por Pâmela Peres Cabreira & Livia Cassemiro Sampaio. Desalinho Publicações, 2022.” *ex æquo*, 52, 242-245. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2025.52.18>



Este é um texto de Acesso Livre distribuído nos termos da licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>), que permite a reprodução e distribuição não comercial da obra, em qualquer suporte, desde que a obra original não seja alterada ou transformada de qualquer forma, e que a obra seja devidamente citada. Para reutilização comercial, por favor contactar: apem1991@gmail.com

